CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
FRANK BORZAGE – O LUGAR MAIS SAGRADO
9 de Novembro de 2026

THE PITCH O' CHANCE / 1915

Um filme de Frank Borzage

Realização e Argumento: Frank Borzage / Fotografia: L. Guy Wilky / Intérpretes: Frank Borzage (Rocky), Helen Rosson (Nan), Jack Richardson (Kentuck).

Produção: American/Mutual / Cópia: 35 mm, preto e branco, muda, com intertítulos em inglês e legendada eletronicamente em português / Duração: 25 minutos a 16 imagens por segundo / Estreia Mundial: 1915 / Inédito em Portugal (?).

LAND O' LIZARDS / 1916

Um filme de Frank Borzage

Realização: Frank Borzage / Argumento: Kenneth B. Clarke / Fotografia: L. Guy Wilky / Intérpretes: Frank Borzage (o Forasteiro), Harvey Clark (Ward Curtis), Anna Little (Bobbie Moore), Laura Sears (Wynne Curtis), etc.

Produção: American/Mutual / Cópia: 35 mm, tintada, muda, com intertítulos em inglês e legendada eletronicamente em português / Duração: 27 minutos a 16 imagens por segundo / Estreia Mundial: 1916 / Inédito em Portugal (?).

LIFE'S HARMONY / 1916

Um filme de Frank Borzage

Realização: Frank Borzage / Argumento: Lorimer Johnston / Fotografia: L. Guy Wilky / Intérpretes: Vivian Rich (Faith Pringle), George Periolat (Josiah Pringle), Alfred Vosburgh (Gordon Howard).

Produção: American/Mutual / Cópia: 35 mm, preto e branco, muda, com intertítulos em inglês e legendada eletronicamente em português / Duração: 48 minutos a 16 imagens por segundo / Estreia Mundial: 1916 / Inédito em Portugal (?).

***

Acompanhamento ao piano por Filipe Raposo.

****

Um salto mais atrás para acompanharmos a génese e a fase de formação de Borzage. A tarefa, se não é fácil, é estimulante, porque nos permite acompanhar o trabalho dos pioneiros onde Borzage se inclui, com toda a justiça, ao lado de um Griffith e Ince, de um Ford e um De Mille. O que é considerado como o primeiro grande filme do realizador data de 1920, **Humoresque**. Mas já desde 1911, após uma agitada juventude de miséria

e trabalho no teatro, Borzage surgia em Hollywood quando Hollywood ainda não «era», trabalhando como figurante, depois secundário e finalmente *leading actor* para a companhia de Thomas Ince. Com este aprendeu praticamente todo o ofício que lhe permitiu tomar o lugar de realizador em 1915, e a sua direcção começou a ser notada, com o nome referenciado elogiosamente nas recensões da *Variety*. Talvez tenha sido este reconhecimento que o tenha levado a abandonar o trabalho como actor, que ainda dividiu com o de realizador, mas de forma cada vez mais esporádica, até 1918 (a sua última participação como actor parece ter sido em **The Atom**, que dirigiu nesse ano), porque não foi, naturalmente, nem por falta de talento nem de simpatia. **The Pitch o' Chance** segue as regras do *western* melodramático tão popular na segunda década do século, apresentando tudo o que já se poderiam chamar os códigos do género: o *good guy*, simpático e sorridente, jogador capaz de arriscar tudo numa carta, e de tudo se despojar por amor da donzela (personagem que se tornará verdadeiro arquétipo a partir de **Cameo Kirby**, de John Ford), papel que nos mostra Borzage um muito razoável galã, na esteira de «Bronco Billy» Anderson, e antecipando, no físico e no dinamismo, o futuro «rei» Fairbanks (e com personagens semelhantes, como **Nugget Jim's Pardner** mostrará). Foi, aliás, neste tipo de filmes que Borzage ganhou experiência (quando, em 1916, o entrevistaram, ao ser-lhe perguntado quantos filmes já tinha feito, respondeu: «*Oh! Dezenas! Já esqueci os títulos*»). Temos também o vilão, a ingénua e a cantora, personagens que, com poucas ou nenhumas diferenças, formavam o quadrado de todos os filmes do género de então. Mas há algumas variantes que talvez não sejam tão frequentes: a relação de Nan com Kate e a de Scott com Nan que, mesmo a nível rudimentar, contêm em germe a dos pares românticos do futuro, com o seu misto de dureza e ternura. E se estamos em presença de um filme «primitivo» e de série, onde será exagero querer procurar sentidos que não têm razão de ser, não deixa de conter algumas coisas curiosas, em particular no uso da luz, e na sua direcção: à lareira, de noite, no campo; e também os planos da perseguição com o encontro na vereda e o duelo final no monte. **Life's Harmony** é um melodrama rural com todas as convenções do género, próximo do espírito da «Americana» que Henry King cantará, pouco depois, em **Tol'able David**. Mas é um trabalho inteiramente marcado pelo seu período, sem nada de particular que o distinga. A própria construção segue, de muito perto, a estrutura da peça teatral, com as situações já banalizadas por outros filmes semelhantes: o engano sobre a personalidade do estrangeiro (e o *volte-face* final com a revelação da existência do irmão gémeo, fórmula convencionada para resolver imbróglios semelhantes); a velha família abastada que cai na miséria; o acidente que provoca a perda de memória do herói. Mesmo as soluções de desenlace seguem a rotina habitual. Mas também aqui se podem encontrar algumas pistas do Borzage futuro: o interior da casa do velho professor de música, onde a lareira se torna um foco difusor de luz e calor que aquece a tristeza da imagem; a ave que a jovem recolhe; e, em particular, o namoro na Primavera, com as pombas que voltejam, imagem recorrente na obra futura de Borzage; e os planos finais do *happy end*, onde a simetria dos enquadramentos do interior da igreja envolve a consonância perfeita dos sentimentos.

Manuel Cintra Ferreira

Land O'Lizards foi rodado depois de **Life's Harmony**, e justamente como uma espécie de prémio pelo sucesso do trabalho de Borzage (incluindo o sucesso desse título). A American/Mutual deu-lhe finalmente autorização para dirigir filmes de cinco bobinas (a

duração, portanto, equivalente ao que depois se passou a chamar uma longa-metragem), e Borzage estreou ainda em 1916 um par de westerns longos, o que vamos ver e ainda **Immediate Lee** (hoje, perdido). **Land O'Lizards** também andou desaparecido durante muitas décadas, até que em 1993 a Filmoteca Valenciana encontrou uma cópia fragmentada e construiu um restauro a partir dessa cópia. É, portanto, um filme incompleto, que teria originalmente bem mais do dobro da duração do que podemos ver agora, e cujo carácter fragmentado está bem evidente – há, por exemplo, intertítulos que se sucedem sem quaisquer imagens entre eles, marcando uma série de nacos do filme que despareceram, e muitos planos conservam as marcas da degradação que o tempo operou sobre a cópia sobrevivente (efeitos involuntários que são, já agora, sempre bastante belos e reforçam a noção do que o que vemos hoje em **Land O'Lizards** é, essencialmente, uma ruína). Vale a pena notar que **Land O'Lizards** é um dos mais remotos exemplos da atenção dos críticos europeus à obra de Borzage. Louis Delluc, nem mais nem menos, escreveu sobre ele na altura da estreia francesa, considerando Borzage (que interpreta o protagonista) "um cavaleiro admirável" e um "actor atencioso e sóbrio", elogiando a abundância de "cavalos de primeira ordem", e qualificando o filme como "um bom filme de cowboys".

Luís Miguel Oliveira